

# Tendências | Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br) / [twitter.com/Folhadebate](http://twitter.com/Folhadebate)

## A relação dos EUA com a América Latina mudou neste primeiro ano de governo Barack Obama?



Marcelo Levyman

» NÃO

## Onde estão as mudanças?

MATTHIAS S. FIFKA

“OSTEMPOS mudaram”, disse Barack Obama antes de embarcar para Cúpula das Américas, em abril de 2009, indicando sua intenção de reformular a política externa dos EUA em relação à América Latina. Levando o argumento adiante em seu discurso de abertura, Obama prometeu “um novo começo” e um relacionamento “sem parceiros seniores ou juniores”.

Essa promessa de mudança, que tinha sido o tema principal de sua campanha eleitoral, coube bem entre os estadistas latino-americanos, muitos dos quais haviam ficado profundamente desapontados com oito anos de Bush e do unilateralismo dos EUA.

Até mesmo políticos como Hugo Chávez se sentiram inclinados a comentar, após a cúpula, que era “o verdadeiro início de uma nova história”. O povo da América Latina também nutria altas esperanças no presidente recém-eleito. No início de 2009, uma maioria inequívoca de pessoas no Brasil, no México e na Argentina expressava confiança em Obama.

Assim, Obama teve o apoio público necessário para melhorar as relações com os vizinhos do Sul e para realizar algumas das iniciativas que propusera em um plano intitulado “Uma Nova Parceria para as Américas”.

Esse plano político consistia em três elementos principais: fortalecer a democracia e o Estado de Direito na América Latina, apoiar os governos em seu combate ao tráfico de drogas e a criminalidade organizada e ajudar

na redução da pobreza, da fome e dos problemas de saúde e educação.

Mais especificamente, Obama, por exemplo, prometeu criar um conselho de segurança comum, melhorar as relações com Cuba, promover o alívio da dívida latino-americana, ajudar a Colômbia a combater os rebeldes das Farc e colaborar com o Brasil com o comércio e o desenvolvimento de biocombustíveis, como o etanol.

No primeiro ano de governo Obama, a maioria dessas propostas não saiu do papel. Com a exceção do esforço pouco animado de fechar a prisão de Guantánamo e da redução das restrições às visitas de cubano-americanos a parentes na ilha e à transferência de remessas de dinheiro a Cuba, Obama não empreendeu nenhuma iniciativa significativa em direção às mudanças que prometeu.

Em lugar disso, sua trajetória escoreggiada no golpe hondurenho e o acordo fechado com a Colômbia, que dá aos EUA acesso a sete bases militares e o direito de enviar soldados para lá, lembram mais a política de seu predecessor que um novo começo.

Poderíamos argumentar, com certeza, que promessas de campanha quase nunca são cumpridas. Também se poderia dizer, em defesa de Obama, que em seu primeiro ano no cargo ele teve que concentrar sua atenção na crise econômica, na reforma da saúde e nas guerras no Iraque e Afeganistão.

Essas questões podem, de fato, parecer mais urgentes que reforçar e reformular as relações com a América

Latina, mas, no longo prazo, negligenciar essas relações terá consequências indesejadas para os EUA.

A maior parte da América Latina compreende muito bem que o bem-estar econômico de seus países ainda pode beneficiar-se de relações econômicas positivas com os EUA e que uma economia americana forte garante a entrada de capitais e um grande mercado para exportações.

Contudo, os EUA também precisam dar-se conta de que a América Latina — e especialmente o Brasil — já diversificou seus laços e ampliou suas relações comerciais com União Europeia, Rússia e China. Sobretudo as últimas duas vêm fazendo bom proveito do interesse declinante na América Latina que tem o rival.

A Rússia concordou em construir reatores nucleares para a Venezuela e já entregou a Chávez armas no valor de mais de US\$ 4 bilhões. A China, desde 2004, já firmou mais de 40 acordos bilaterais com Argentina, Brasil, Venezuela e Cuba, prevendo mais de US\$ 100 milhões em investimentos chineses até 2014.

Se Obama continuar a fazer pouco caso da América Latina como fez em seu primeiro ano no poder, os EUA correrão o risco de perder um parceiro importante para o futuro, em um mundo cada vez mais competitivo.

MATTHIAS S. FIFKA é professor de economia e política internacional na Universidade Erlangen-Nuremberg (Alemanha) e vice-diretor do Instituto, Ibero-Americano.

Tradução de Clara Allain.

» SIM

## Uma nova abordagem às Américas

ERIC FARNSWORTH

COMO MOSTROU a resposta dos EUA à crise no Haiti — mácia, imediata e sem prazo para terminar —, as mudanças chegaram à política americana em direção ao hemisfério Ocidental. Talvez as expectativas exageradamente altas não tenham sido plenamente atendidas, mas, mesmo assim, é inegável que a administração Obama segue uma abordagem às Américas que é diferente da de seu predecessor.

Começando com a Cúpula das Américas, a administração Obama traçou um plano baseado na cooperação com parceiros dispostos a promover uma agenda aberta, fundamentada na recuperação econômica, no desenvolvimento de longo prazo, no alívio da pobreza e na cooperação energética. Dominou o desejo de, acima de tudo, mudar o tom das relações hemisféricas e restaurar a ideia de que, mesmo quando os líderes discordam, eles ainda podem dialogar.

Começando com a Cúpula das Américas, a administração Obama traçou um plano baseado na cooperação com parceiros dispostos a promover uma agenda aberta, fundamentada na recuperação econômica, no desenvolvimento de longo prazo, no alívio da pobreza e na cooperação energética. Dominou o desejo de, acima de tudo, mudar o tom das relações hemisféricas e restaurar a ideia de que, mesmo quando os líderes discordam, eles ainda podem dialogar.

certas restrições a Cuba, incluindo viagens e comunicações, e assinalou sua disposição de avançar mais, dependendo de ações recíprocas comerciais em direção à democracia serem realizadas pelo regime Castro.

Mas uma parceria requer parceiros. Na primeira ocasião após a cúpula para demonstrar disposição de cooperar — na Assembleia Geral da OEA, em Honduras —, boa parte do hemisfério forçou um confronto político com Cuba que foi desnecessário e contraproducente, em vez de tomar nota das medidas previamente anunciadas e de iniciativas encorajadoras adicionais de Washington.

A resposta dos EUA à crise democrática em Honduras assinalou mais uma mudança em relação às “máncias de fazer negócios” anteriores.

De fato, imediatamente depois de o presidente Zelaya ter sido afastado do poder, os EUA condenaram o golpe e trabalharam com o presidente Arias, da Costa Rica, para estabelecer um processo para devolver Zelaya ao poder, ao mesmo tempo trabalhando para assegurar que as eleições prévias programadas fossem realizadas de forma livre e justa.

Infelizmente, outros no hemisfério trabalharam em sentido diferente, procurando solapar as eleições hondurenhas e atirar esse país em um estado de turbulência política permanente, um cenário que teria sido perigoso e insustentável.

Mas talvez o melhor exemplo da nova abordagem dos EUA ao hemisfério diga respeito a questões comerciais. A expansão comercial no hemisfério Ocidental foi sem dúvida uma prioridade da administração Bush.

Contudo, a administração Obama deixou que acordos pendentes com a Colômbia e o Panamá ficassem em compasso de espera. Ela cancelou um programa bem-sucedido para autorizar caminhões mexicanos a ingressar nos Estados Unidos, sob medidas previstas pelo Tratado Norte-Americano de Livre Comércio. Ela não buscou do Congresso uma autorização de negociações comerciais que lhe permitisse concluir as negociações comerciais globais de Doha, que são tão importantes para o Brasil.

Os observadores que talvez esperassem que os EUA sob Obama deixassem de agir como superpotência, se afastassem do combate às drogas, abandonassem aliados que enfrentam desafios de segurança, como Colômbia e México, e se alinhassem com movimentos populistas e líderes anti-EUA vão se decepcionar.

Aqueles que têm uma visão objetiva dos EUA, porém, terão que concluir que sua política para as Américas mudou. A questão agora é se os líderes regionais vão responder com um novo espírito de parceria ou se vão continuar com o “business as usual”.

ERIC FARNSWORTH tem experiência em relações internacionais, é vice-presidente do Conselho das Américas, em Washington, E ex-Coordenador do Departamento de Estado dos EUA e trabalhou na Casa Branca como assessor político sênior para Assuntos Hemisféricos (1992-2000).

Tradução de Clara Allain.

# Painel do Leitor

O “Painel do Leitor” recebe colaborações por e-mail, fax (0xx/11/3224-1644) e correio (al. Barão de Limóia, 425, 4. andar, São Paulo/SP, CEP 01022-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. [leitor@uol.com.br](mailto:leitor@uol.com.br)

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE

[www.folha.com.br/paineldoleitor](http://www.folha.com.br/paineldoleitor)

## Mãe, médica, missionária

“Na passagem do Natal e Ano-Novo, recebi mensagem da doutora Zilda Ams com as seguintes palavras: ‘Conhecer Jesus pela fé é nossa alegria. Segui-lo é uma graça. E dar testemunho, a doação aos outros, é um serviço que Ele nos confiou’.

Discípula missionária de Jesus, essa notável mulher, cidadã do mundo, entregou-se de modo absorvente à construção do Reino de Deus, feito de justiça, amor e paz.

Para a igreja, é exemplo de santa secular, modelo de mãe, médica, missionária.”

DOM ANGÉLIO SÁNDALO BERNARDINO, bispo emerito de Blumenau, (Blumenau, SC)

## Direitos humanos

“Se a biologia nos concedeu o privilégio de sermos portadoras da capacidade de gerar novos seres humanos, a dignidade exige que possamos decidir sobre essa capacidade” (do artigo ‘O ano já começou’, de Rosângela Aparecida Talib, “Tendências/Debates”, ontem).

Desde o advento da pílula anticoncepcional e dos demais métodos anticoncepcionais, como a camisinha, deu-se à mulher a dignidade de decidir sobre a capacidade de gerar novos seres humanos. Mas essa dignidade deve ser exercida antes da concepção, porque depois a dignidade do ser em desenvolvimento também deve ser considerada.”

FABIANO ADAMY (Concordia, SC)

★

“É óbvio que precisamos respeitar e procurar entender as escolhas individuais ou coletivas à luz do conhecimento e das circunstâncias de cada época. Mas classificar como retrógrados os que não compactuam com determinados comportamentos ou princípios de um grupo é uma tremenda arrogância (Rosângela Aparecida Talib, ontem).

As pessoas, independentemente de sua afinidades filosóficas, religiosas e científicas, tomarão as decisões que lhes forem mais convenientes. O PNDD-3 veio apenas para polemizar, para gerar discussões estériles. Não é para menos. Programas feitos por fundamentalistas, quaisquer que sejam suas tendências, dão nisto: geram apenas calor e instabilidade jurídica.”

MARCOS BASTOS FERREIRA (São Paulo, SP)

★

“Expresso o meu apoio à posição correta do ministro Paulo de Tarso Vannuchi sobre a questão dos militares na ditadura, expressa em entrevista à *Folha* em 10/1.

A ditadura não foi de responsabilidade exclusiva dos militares, pois houve um golpe de direita em 64 com muitos personagens civis que continuaram na vida política do país. Entretanto, a participação dos militares na repressão, que incluiu episódios de tortura e de assassinatos de presos políticos, tem de ser completamente desvendada aos olhos da nação. E isso em nada fere ou conflita com a anistia.”

LUIZ MIGUEL LUIS, diretor da Coppe/UFRJ, (Rio de Janeiro, RJ)

## Cerveja

“O senhor Alexandre Loures (Painel do Leitor), ontem se limita

a manifestar os ‘profundos sentimentos’ da AmBev pelas críticas bem detalhadas do professor Cerqueira Leite. Patética reação.

Como apreciador de cerveja, gostaria que nossas marcas defendessem os seus produtos com competência e dignidade, o que acredito ser possível e muito interessante.

Numa época em que algumas poucas cervejarias especializadas conseguem justo reconhecimento de bares e restaurantes renomados, nada melhor que cada um justificar o que cobra pelo que oferece. E é bom lembrar que se trata de produto que custa de R\$ 0,65 a R\$ 1,30.”

LUZ AUGUSTO GUIMARÃES VIEIRA (Colina, SP)

## Paraitinga

“A respeito do texto TSDB e PT disputam reconstrução de São Luiz’ (*Cotidiano*, 13/1), informo que a reconstrução da cidade histórica de São Luiz do Paraitinga necessita do empenho de todas as esferas públicas (federal, estadual e municipal).

No âmbito federal, o Ministério da Cultura, por meio do Iphan, se fez presente desde a primeira hora após a tragédia ocorrida.

Os técnicos do Iphan vêm trabalhando em sintonia com os órgãos técnicos estaduais e com a prefeitura, empregando toda a experiência adquirida em situação similar, em 2001, em Goiás Velho.

A visita do ministro Interino, Alfredo Maney, corrobora o empenho do governo federal na liberação de recursos da ordem de R\$10 milhões e nos esforços em coordenar outras áreas de governo empenhadas na reconstrução da cidade.”

GUTO PIRES, assessoria de comunicação do Ministério da Cultura (Brasília, DF)

## Cinema nacional

“Fui assistir às pré-estreias dos filmes ‘O Homem que Engarrafava Nuvens’ e ‘Só Dez por Cento É Mentira’, patrocinadas pela *Folha* e pelo Cine Bom Bril. Parabéns à iniciativa e aos dois jovens diretores, que conseguiram, com maestria, sensibilidade e poesia, narrar a arte e o comprometimento de dois grandes cidadãos do mundo: Humberto Teixeira e Manoel de Barros. Nutridos de paixão e gênio criativo, exercícios que, segundo Domenico de Masi, simbolizam o entretenimento no seu mais alto grau.

Que sejam vistos, apreciados, sentidos, ouvidos e lidos por muitos. São dois filmes com enorme orgulho de ser brasileiros.”

REBEKA GELER RODRIGUES (São Paulo, SP)

## Boas-festas

A *Folha* agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de: **Fernando Girão**, membro da ABI — Associação Brasileira de Imprensa (São Paulo, SP); **Iris de Araújo**, deputada federal — PMDB-GO (Brasília, SP); **Antonio Expedito de Figueiredo Filho** (Ribeirão Preto, SP); **Juliano Caliento** (Ribeirão Preto, SP); **José Antônio Souza** (Franca, SP); **Conceito Comunicação** (Ribeirão Preto, SP); **Plábrica de Ideias** (Ribeirão Preto, SP); **Outras Palavras** (Ribeirão Preto, SP); **Sindicato dos Trabalhadores na USP** (Ribeirão Preto, SP); **Facioli Consultoria** (Ribeirão Preto, SP).

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 0800-775-8080  
Grande São Paulo: 0xx/11/3224-3090 [saas@grupofolha.com.br](mailto:saas@grupofolha.com.br)

» OMBUDSMAN: 0800-015-9000 [ombudsman@uol.com.br](mailto:ombudsman@uol.com.br)

# Erramos

[erramos@uol.com.br](mailto:erramos@uol.com.br)

**DINHEIRO** (15.JAN., PÁG. B3) No mapa que acompanhou a reportagem “Rio São Francisco pode ter 2 usinas nucleares”, o Estado do Rio de Janeiro e o município de Angra dos Reis (RJ) estavam incorretamente localizados (no lugar do Espírito Santo e no litoral da Bahia, respectivamente).

**COTIDIANO** (14.JAN., PÁG. C4) As legendas das fotos que acompanharam o texto “Livro trata dos estilos da arquitetura de São Paulo a partir de suas escadas” estavam invertidas.

**ILUSTRADA** (13.JAN., PÁG. E2) Diferentemente do publicado na nota “Pré-Escolha”, a pesquisa do Ibope com os participantes do Fórum Social Mundial não foi feita apenas em português e em espanhol. Uma das versões do questionário trazia as perguntas em inglês e em francês.

**INFORMÁTICA** (14.JAN., PÁG. F2) Diferentemente do publicado no texto “Programas de gravação”, o endereço correto do site AlternativoTo é [alternativeto.net](http://alternativeto.net).

**GUIA DA FOLHA** (13.JAN.) Diferentemente do informado sobre o 1º Festival de Teatro Infantil (pág. 56), o evento é idealizado por Robson Veloso e Grupo Permanente de Pesquisa, as peças em cartaz nesta semana são: “Bichos do Brasil”, da Pia Faus, e “Os Três Porquinhos”, da Cia. Le Plat du Jour, corretamente listadas no serviço. O ícone de entrada gratuita aparece incorretamente no show Nando Reis e os Informais (pág. 63) — o concert artístico de R\$ 100 está indicado no serviço. O ator que aparece na foto do filme “Amor Extremo” (edição de 8/1, pág. 12) é Cillian Murphy.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.